

A BATALHA

DEP. LEG.
Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 950; Província, 3 meses 2850; África Portuguesa, 6 meses 7050; Estrangeira, 6 meses 11050.

Ver e crêr — como São Tomé

O Conselho Jurídico da Confederação Geral do Trabalho procurou ontem o comandante Joaquim Mendes Cabeçadas, actual presidente do ministério, para lhe entregar a representação, que publicamos noutro local, reclamando o regresso dos deportados, o seu julgamento, bem como o dos presos sociais que se encontram em Lisboa.

Os membros daquele conselho foram recebidos com gentileza e um deles leu de alto a representação, que o sr. Cabeçadas escutou atentamente. Terminada a leitura, o presidente do ministério manifestou francamente a sua simpatia pela doutrina exposta, declarando que ia chamar imediatamente a atenção do ministro da Justiça para o assunto que considerava importantíssimo.

Manifestou ainda o sr. Mendes Cabeçadas a sua concordância pessoal com o regresso dos deportados e julgamento de todos os presos nas condições normais que são concedidas aos cidadãos portugueses.

O actual presidente de ministério, conversando depois sobre assuntos operários, fez referências ao começo de antontem declarando que o governo não só estava na disposição de satisfazer, na medida do possível, muitas das aspirações que lá se haviam manifestado, como ainda de conceder aos trabalhadores mais regalias a que têm direito.

E' bastante simpática, confessamo-lo, a atitude do sr. presidente do ministério. Temos a íntima convicção de que as suas palavras agradáveis foram proferidas com sinceridade. Mas o proletariado não se satisfaz apenas com palavras. Parece-nos que o sr. Mendes Cabeçadas deve ser o primeiro a reconhecer que, tendo sido o povo trabalhador tanta vez ludibriado com promessas sempre desmentidas, ele não pode ter, enquanto não vir as palavras transformadas em factos, senão uma atitude de desconfiança.

As inúmeras vezes que o operariado tem sido enganado pelos governos justificam plenamente a reserva que mantem agora.

Somos francos. Dizemos as cousas, exprimimos os nossos pensamentos com uma rudeza que talvez desagrade, mas que entendemos preferível à maneira hipócrita com que os monárquicos, os reacçãoários, por exemplo, se expressam neste momento. As nossas palavras, como as nossas atitudes, são claras, definidas. Por isso, com franqueza absoluta, que não envolve brutalidade, afirmamos daqui, bem publicamente, ao sr. presidente de ministério, que a despeito de acreditarmos na sinceridade das suas declarações, receamos muito que, por vícios antigos de engrenagem política, os deportados não regressem à metrópole com aquela rapidez que, a reparação de uma injustiça exige e que os julgamentos dos presos por questões sociais se realizem tão tarde que a sua demora se transforme numa expiação de pena imerecida e não votada.

Depois de ter sofrido tantas desilusões, o operariado, por uma questão de delicadeza, sorri se lhe sorriem, responde a amabilidades com gentilezas, mas não abandona a luta pelo triunfo dos seus pontos de vista e só acredita nos homens pelos seus actos e não apenas pelas suas palavras.

Nesta questão dos deportados—ver e crêr, como São Tomé.

Notas & Comentários

Daspedido!

O sr. Trindade Coelho, que tem agido em política por despeito, começando por republicanismo radical e acabando em monarquismo disfarçado, e que nos últimos anos atingiu a sua pena à União dos Interesses Económicos, deixou de ser o director do Seculo. Assim, o noticiário aquele jornal publicando uma carta de Trindade Coelho em que este se demite por motivo de saúde. O «motivo de saúde» é poeira arremessada nos olhos do público.

Em primeiro lugar ele nunca foi director de O Seculo mas sim o espião de Pereira da Rosa, o que faz a sua diferença. Porém, como este último já não precisava dele e a sua vaidade reclamava-lhe o nome no jornal, despediu-o como um laçoio que já não serve. Despediu-o, mas pagou-lhe, para que ele não arvorasse em pessoa independente e não desatasse a morder-lhe nas canelas.

A Moagem Farense

Dois dias antes da eclosão do movimento revolucionário A Batalha anunciou a publicação no dia imediato de um artigo sobre um grosso escândalo no qual estava envolvida a Moagem Farense. Alguns agentes desta companhia, na previsão de que o nosso jornal puzesse a na toda a verdade sobre o caso de acções que pertenciam ao falecido visconde de Estoi, no referido dia vieram a Tunes esperar o comboio que devia levar A Batalha e arrancaram das mãos dos vendedores de jornais todos os exemplares do número do nosso jornal que se referia à Moagem Farense. Depois desta «heroica» acção os assassinos fugiram deixando apenas seis exemplares que foram os que chegaram a Faro. No mesmo dia, queixam-se alguns assinantes do nosso jornal em Faro, poucos foram os exemplares de A Batalha que o correio distribuiu naquela cidade. Dar-se-há o caso da Moagem Farense ter também influência nos Correios? E' o que vamos apurar para informar os nossos leitores.

Desplante

Dizem as Novidades que o reconhecimento da personalidade jurídica da Igreja constitui uma reivindicação verdadeiramente nacional.

Não acreditamos, primeiro por falta de provas e depois porque sabemos perfeitamente que a nação é demasiado grande para poder caber na copeira do sr. Lino Neto. A propósito: corria ontem na Baixa um boato verdadeiramente sensacional e que causou uma vivíssima emoção. Segundo esse boato, venderam-se ontem, em Lisboa, dez exemplares das Novidades.

Se Deus quizer...

O sr. Mendes dos Remédios, quando o convidaram a preencher a pasta da Instrução, teve um belo e irreflexo e espontâneo movimento: acatou. Mas veio a cabeça após a sua explosão de alegria, e uma dúvida transcendental assalvou-o: consentirá Deus que eu colabore com o sr. Gomes da Costa?

O sr. Mendes dos Remédios foi ao Seminário de Coimbra inquirir do sr. bispo o que pensava ele sobre este convite inesperado. O sr. bispo, com aquela certeza que lhe vem da sua velha e larga privança com o Senhor, redarguiu-lhe: —Pasta, meu filho, Deus estará contigo na parte da instrução.

O sr. Mendes dos Remédios, como se sabe, aceitou e ficou radiante por ser ministro pela expressa vontade de Deus...

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

O SANATÓRIO CARLOS VASCONCELOS PORTO

O estado desolador em que se encontram algumas dependências e as deficiências que se têm notado neste estabelecimento de cura

As impressões do nosso enviado especial ao Sanatório Carlos Vasconcelos Porto deviam ser publicadas antes da eclosão do movimento revolucionário. Os inúmeros afazeres daquele nosso camarada de redacção impediram-no de dar à estampa as suas impressões, assim se explicando o motivo por que só agora iniciamos a série de artigos sobre aquela casa de saúde pertencente aos ferroviários do Estado.

Esta singela explicação vem a propósito da estranheza que pode causar o facto de A Batalha nesta emergência vir tratar dum assunto que a alguns se pode afigurar extemporâneo. Isto pôsto vamos prosseguir na nossa análise.

O Sanatório Carlos Vasconcelos Porto, como já ficou dito, foi edificado numa casa que não possuía condições apropriadas para a montagem de uma casa de saúde. A grande vontade do seu organizador e a conhecida urgência de preservar os ferroviários da terrível tuberculose determinaram a aceitação como boa daquela casa.

Em virtude dessa circunstância o sanatório dos ferroviários das linhas do Estado está montado numa casa que as intempéries atingem de uma maneira incisiva. As chuvas, especialmente, prejudicam deversos aquele estabelecimento. Os pavimentos

de madeira dos andares inferiores que estão assentes sobre a terra, sem a respectiva «caixa de ar», ressentem-se grandemente. Os apodrecimentos são constantes o que obriga a uma constante renovação dos soalhos.

Esta rápida descrição serve para provar que as apreciações menos favoráveis que alguns elementos ferroviários fizeram no seu órgão corporativo se não são exactas nos seus cambiantes, são, todavia, legítimas.

No Sanatório Carlos Vasconcelos Porto, na verdade, enferma de muitas deficiências. Algumas das suas camaratas oferecem um aspecto desolador.

Há fendas grandes que o director clínico, dr. sr. Alberto de Sousa, mandou cobrir com tiras de papel para proceder-se às desinfecções necessárias.

Há reparações que devem ser urgentemente feitas. Domará-las equivalet a aceitar a queda do resto que ainda se conserva erecto no Sanatório Carlos Vasconcelos Porto.

Na visita que fizemos a esse estabelecimento de cura notámos todas essas incongruências que em nada se harmonizam com a função do sanatório.

Há outras deficiências que não têm uma razão justificativa na incapacidade do edificio para estabelecimento de cura.

Referimo-nos ao estado em que se encontra o mobiliário de ferro.

Há peças desse mobiliário que careciam de ser imediatamente pintadas.

O seu estado de conservação oferece sé-

O nosso collocutor, numa copiosa lamentação, vai-nos contando as misérias que o sanatório vem atravessando. A concluir a sua narrativa:

—O forno de incineração das expectorações precisou durante algum tempo de reparações. Apesar das constantes reclamações o forno nunca foi concertado. E o processo usado para esterilizar as expectorações era o mais primitivo possível: numa lata com água fervente eram lançadas as expectorações por uma pobre mulher que ficava assim exposta ao contágio do bacilo.

Falámos depois com a esposa do regente do sanatório D. Ana de Carvalho. Algumas das suas declarações:

—As dificuldades que o sanatório atravessou ultimamente estão já removidas. Hoje já se não registam as faltas que tanto nos preocuparam: a nós e aos doentes.

Como nos fizéssimos eco dos queixumes do internado que acima fala, D. Ana de Carvalho retorquiu-nos:

—Como já disse, houve algumas faltas de certa gravidade. Hoje está tudo arrumado, porque foram tomadas providências...

E mais não disse. Possuindo o Sanatório Carlos Vasconcelos Porto uma receita própria e suficiente, o leitor que vem acompanhando a nossa descrição fará diversas conjecturas sobre as causas das suas deficiências, não encontrando uma justificação plausível. Mas encontrei-las há brevemente, depois de lhe explicarmos os motivos que determinaram a decadência de um dos melhores sanatórios que existem em Portugal...

A galeria de cura do Sanatório Carlos Vasconcelos Porto



de madeira dos andares inferiores que estão assentes sobre a terra, sem a respectiva «caixa de ar», ressentem-se grandemente. Os apodrecimentos são constantes o que obriga a uma constante renovação dos soalhos.

Esta rápida descrição serve para provar que as apreciações menos favoráveis que alguns elementos ferroviários fizeram no seu órgão corporativo se não são exactas nos seus cambiantes, são, todavia, legítimas.

No Sanatório Carlos Vasconcelos Porto, na verdade, enferma de muitas deficiências. Algumas das suas camaratas oferecem um aspecto desolador.

Há fendas grandes que o director clínico, dr. sr. Alberto de Sousa, mandou cobrir com tiras de papel para proceder-se às desinfecções necessárias.

Há reparações que devem ser urgentemente feitas. Domará-las equivalet a aceitar a queda do resto que ainda se conserva erecto no Sanatório Carlos Vasconcelos Porto.

Na visita que fizemos a esse estabelecimento de cura notámos todas essas incongruências que em nada se harmonizam com a função do sanatório.

Há outras deficiências que não têm uma razão justificativa na incapacidade do edificio para estabelecimento de cura.

Referimo-nos ao estado em que se encontra o mobiliário de ferro.

Há peças desse mobiliário que careciam de ser imediatamente pintadas.

O seu estado de conservação oferece sé-

RECLAMANDO JUSTIÇA

Para que os deportados regressem ou sejam julgados legalmente

O Secretariado Nacional de Assistência Jurídica da C. G. T. dirigiu uma representação ao governo

Sr. Presidente do Ministério:—A Confederação Geral do Trabalho, na última reunião do Conselho Confederal, ao encerrar a marcha dos últimos acontecimentos políticos e revolucionários, e ao estudar as reclamações de carácter económico e social a formular junto do novo governo de que V. Ex.ª é presidente, não deixou—nem podia deixar—de colocar em primeiro plano a situação arbitrária, ilegal e violenta que foi criada aos presos por questões sociais e principalmente aos—deportados.

E, ao considerar essa situação com a atenção e o carinho que merece, entregou ao Secretariado de Assistência Jurídica o encargo de, junto de V. Ex.ª, trazer esta reclamação onde se encontra consubstanciada o protesto das classes operárias organizadas contra a monstruosidade das deportações sem julgamento, protesto que o operariado português viu, com prazer, ser secundado por uma pleiade desassombrada e honesta de homens de pensamento: escritores, jornalistas, médicos, advogados, professores, etc.

Nestas circunstâncias, sendo incumbido desta missão, vem este organismo—o Secretariado de Assistência Jurídica da C. G. T.—desempenhar-se dela o melhor que sabe e sem perda de tempo, admitindo, naturalmente, a possibilidade de ser, finalmente, escutada e atendida uma reclamação tão justa e humana e—vamos lá, o que para V. Ex.ª não deve ser indiferente—tão... constitucional.

Esse punhado de homens—operários como nós—que os governos do partido democrático (que a revolução que V. Ex.ª chefiou

afastou do poder) deportaram para a África e aí os têm mantido contra todas as indicações da opinião pública e contra e não obstante todos os eloquentes protestos, encontram-se numa situação fora de todas as leis e de todas as normas jurídicas da sociedade constituída.

Esse punhado de homens deportados sem julgamento sob várias acusações, foram—consequentemente, sem que provadas fossem contra eles essas acusações—pois apreciadas não foram pelos tribunais competentes—sendo, portanto, legítimo admitir que todos eles, ou parte, estejam antecipadamente cumprindo pena e inocentes.

Tal monstruosidade foi levada a efeito, e pasma-se de que tenha sido possível, numa democracia, realizá-la e mantê-la durante tanto tempo, sem pejo e no desprezo mais absoluto e criminoso pelos mais elementares direitos—do homem. Arrancados à sociedade e afastados das suas famílias, foram esses homens deportados, sem julgamento e sem culpa formada, para regiões inóspitas de África, sem que mesmo, como manda a lei, fossem sujeitos à inspecção médica que se pronunciasse sobre se, com a sua transferência para esses climas, perigava, ou não, a sua saúde! E, desta enormidade—que só por si emoda um regime—resultou o male, já sem reparação possível, da morte de quatro deportados quem sabe lá se inocentes, se totalmente isentos de culpas!

Ure, pois, dar, quanto antes, o possível remédio a essa situação ilegal que se tem vindo a arrastar miseravelmente. E esse remédio é apenas este: a libertação imediata

ANGOLA E METRÓPOLE BANCO DE PORTUGAL

O célebre processo — monte de poeira acumulado por Alves Ferreira que um sópro de honestidade dispersará

Os jornais voltaram a agitar a já velha questão Angola e Metrópole-Banco de Portugal. Diz-se que o processo vai, finalmente, ser entregue ao Tribunal. A obra, a grande obra que o juiz Alves Ferreira, às ordens do sr. António Maria da Silva, levou tanto tempo a realizar, vai, enfim, ser dada por concluída. Dentro de poucos dias poderemos dizer:

—O sr. conselheiro acabou de obrar... Não temos ainda o processo porque tal não nos é permitido por lei. Mas pela maneira como o juiz Alves Ferreira conduziu as investigações podemos afirmar sem receio de nos enganarmos que, após tanto esforço, a obra saiu uma verdadeira... porcaria.

Parece que o processo vai ser, ou foi já, presente em conselho de ministros. Restam-nos saber se o actual ministério vem disposto a continuar a obra democrática de depuração da verdade. Se vier, concordará com o processo do sr. Alves Ferreira, isto é, concordará com o sr. António Maria da Silva, ou melhor, concordará com todas as manobras de políticos venais e financeiros desonestos que, ligados pela comunhão dos seus interesses inconfessáveis, ergueram esse monumento de infâmia e de mentira que é o processo do Angola e Metrópole.

Alves Ferreira tem deitado poeira nos olhos do país. O processo do Angola e Metrópole que organizou não é mais do que um monte de poeira que um sópro de honestidade dispersará. Alves Ferreira julgara decerto, acarinhando a sua íntima vaidade, que enganou o país inteiro. Coitado, nanja a nós

Supõe por acaso o conselheiro Alves Ferreira que nós, além do muito que revelámos, e iremos revelando oportunamente, não conhecemos a portaria surda de 8 de Julho de 1920, de António Maria da Silva (ainda ele! sempre ele!), autorizando um aumento clandestino de circulação fiduciária?

Acaso o sr. conselheiro julgara que nós não conhecemos certo officio confidencial de 10 de Agosto de 1920, para o secretário geral do Banco de Portugal, quando o sr. Inocêncio Camacho era ministro das Finanças, no governo de António Granjo, em aditamento a certa portaria confidencial?

O sr. conselheiro imagina-nos mais ignorantes do que somos—e, a nós, não nos importa que ele alimente a nosso respeito essas suposições deprimentes... Mas nós vamos levantando pontas de veus, que podem deixar entrever ao sr. juiz uma paisagem apavorante para certas criaturas que estão «acima de toda a suspeita».

Vá lá mais um pouco de paizagem: Conhece o sr. juiz aquele officio que Adolfo Seixas enviou em 17 de Agosto de 1920 ao ministro das Finanças, sr. Inocêncio Camacho? Entre outras cousas dizia o sr. Adolfo Seixas:

«Quanto à primeira parte do alvitre não occulto a V. Ex.ª que infringe o preceito contratual que só admite a reserva de Bilhetes do Tesouro de governos de reconhecido crédito; mas se o excesso autorizado também infringe os termos do contrato e foi buscar a sua justificação ao superior interesse da Nação ameaçada de uma crise de descon-fiança, que facilmente se tem dominado mercê das autorizações concedidas e autorizadas: a maior parcimonia e reconhecida a necessidade urgente, que parece-me ser mais útil não avolumar o excesso e aproveitar o ouro existente nos bilhetes descontados ao Tesouro Português».

Como se depreende, o sr. Inocêncio Camacho, ministro das Finanças, governador do Banco de Portugal, era tão ceguelho nesta questão de finanças que só formulava alvitres que infringiam preceitos e contratos que melhor do que ninguém deveria respeitar e conhecer.

Este Inocêncio, aquela gente suspetíssima do Banco de Portugal—estão, para o juiz Alves Ferreira, «acima de toda a suspeita».

Estará ela também acima de toda a suspeita perante os novos governantes, como estava perante o critério honesto do partido democrático?

SANTO ANTÓNIO E A SUA CAPELA

Carta ao major F. R. C. a propósito do requerimento que fez ao general Gomes da Costa

Li, com a maior atenção e interesse, o requerimento que enviou ao general Gomes da Costa, relativo ao nosso Padre Santo António, por quem eu também nutro simpatia, não só por causa de ser ele quem foi, mas também porque era no seu dia, a 13 de junho, que eu, todos os anos, me divertia imenso em casa de meus avós paternos, que eram quasi sempre seus mordomos. (A aldeia era pequena e pobre, e por isso o lavrador mais abonado é que servia o santo, por causa do párcaro e do jantar, que media chibo e leitão, tudo à lampantana).

Li, pois, o seu requerimento. E devo dizer-lhe que, quando ele aqui chegou, trazido pelas gazetas de Lisboa, houve quem o achasse inteiramente fora de propósito, por não ter ido pelas vias legais.

Preguntavam: Mas que tem o general com os santos? A que vem o culto e a capela?

Eu, porém, defendi-o dizendo que embora ao ministro da Justiça incumba zelar essa matéria, nem por isso a sua pretensão era aquele disparate que diziam. E acrescentei: que o requerimento foi muito bem metido, aí, na mão do general, visto que, no fundo, a questão é toda militar e não judicial. E creio que disse bem.

Pois não foi Santo António um camarada de caserna? Não foi ele, porventura, encorporado no regimento de infantaria de Lagos, onde teve praça desde 24 de janeiro do ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1668, como consta de todas as crónicas e vidas que em seu respeito se escreveram?

Ainda mais: não serviu ele o mesmo regimento, como soldado raso até 12 de setembro de 1683—ou sejam 15 anos—sendo nesse dia promovido por D. Afonso VI ao posto de capitão?

E não serviu ele, neste posto, perto de 100 anos, sem que na caderneta aparecesse a mais leve censura ou castigo disciplinar?

Se o illustre ex-combatente da grande guerra deseja conhecer melhor a crónica militar de tão velho e disciplinado camarada, procure-a, por exemplo, na vida do mesmo santo, escrita por M. Bernardes Branco, que a copiou dum escritor inglês, Arthur William Costigan.

Vem também no livro do sr. Carlos das Neves, o Grande Thaumaturgo de Portugal, a pag. 448 do 2.º vol.

E se não figura no Sol nascido no ocidente e posto ao nascer do sol, do nosso frei Brás Luís de Abreu, é porque o santo não tinha ainda dado as suas provas, como

desses homens ou, pelo menos, o seu imediato regresso à metrópole e o seu rápido julgamento nos tribunais competentes que são, no caso presente e por lei,—os tribunais de Lisboa.

Não é demasiada tal aspiração da classe operária organizada e de todos os homens de pensamento claro e bem formada alma, pois que acaba de determinar o governo da presidência de V. Ex.ª o imediato regresso dos deportados da revolta de Almada, presos com armas na mão depois de haverem metralhado Lisboa.

deuses homens ou, pelo menos, o seu imediato regresso à metrópole e o seu rápido julgamento nos tribunais competentes que são, no caso presente e por lei,—os tribunais de Lisboa.

Não é demasiada tal aspiração da classe operária organizada e de todos os homens de pensamento claro e bem formada alma, pois que acaba de determinar o governo da presidência de V. Ex.ª o imediato regresso dos deportados da revolta de Almada, presos com armas na mão depois de haverem metralhado Lisboa.

E demasiadas não podem também ser consideradas estas aspirações se atendermos a que, segundo V. Ex.ª o tem afirmado várias vezes, este movimento revolucionário que vem de triunfar se destina ao restabelecimento da legalidade e da justiça.

E legalidade e justiça, no presente caso das deportações, é isto que acabamos de apontar a V. Ex.ª

Lisboa, 10 de Junho de 1926.

O Secretariado de Assistência Jurídica da C. G. T.

Collega da Marinha, como foi essa outra normissima facanha dos Transportes Marítimos, onde, segundo se diz, também, a maioria dos que transportaram era de gente agalada.

A exposição do Rio de Janeiro que, parece, borrou até aos olhos os cavalheiros que a República lá mandou, não deu ainda nada, a pesar de tão grande e tão vistosa. Cá fora cheira mal, mas ninguém sabe quem é que está borrado. E, como sabe, o sr. general tem grande empenho em saber até onde chegou a porcaria, visto estarem dentro dela, também, alguns oficiais de alta patente.

Tem-se falado por aí na quebra fraudulenta de bancos e companhias, onde faziam serviço oficial do exército.

O sr. general quer que também ali se faça luz, porquanto deseja nobilitar a farda e marcar os ladrões com ferro em brasa.

Quando há tempos constou que o Lazareto fora devastado a ponto de nem sequer as portas lhe pouparam, houve um clamor tão grande que até eu lá fui ver. Era verdade. Mas os salteadores? Onde paravam? Quem os vira passar, ajudados sob o péso dos bens nacionais? Ninguém sabia nada!

O próprio director, que estava sempre, o mesmo secretário que dali não arredava pé, e os amanuenses que não faltavam nunca — nenhum deles tinha visto levar, fosse o que fosse!

Seriam civis? Seriam militares? Também se não sabia.

Ora o seu general, rico senhor, anda enpenhado agora em ver se põe a limpo este negócio. É, uma vez descoberta e gazofinada a quadrilha, e seu intento, que muito louvo, metê-la dentro dum velho cambaleio e este a pique, na goleira do Tejo, onde mede cento e não sei quantas braças!

Nalguns quartéis de provincia, mormente nas manutuições — que é como quem diz fábrica de munições de boca — diz-se, não sei com que fundamento, que se come de mais, a ponto de haver por lá indigestões frequentes. Pelo que o ilustre cabo de guerra vai mandar inquirir, para evitar que continue a duvidar-se da honorabilidade dos galões.

Consta, além disso, que em certos estabelecimentos públicos, de crédito e de crédito, há oficiais que, tendo-se negado a cumprir o dever cívico a que uma farda obriga, ali se foram aninhar e lá vivem, roendo queijos do tamanho de rodas... da fortuna, que, como sabe, são maiores que as dum carro de bois!

Ora, sabendo o zeloso procurador de Santo António que o seu general anda farto de gritar o seu programa, que começou em Braga e veio completado à medida que o clamor público indicava — os males a corrigir, e que, à frente desse programa, pôs o artigo que, antes de mais nada, ordena o arribo da casa, que é como quem diz, a moralização do exército, para depois fazer a da nação — sabendo isto, para que veio com o santo, embora ele se chame António e fosse de Lisboa e seja ainda uma das glórias do exército português!

Senhor F. R. C. J. Caro senhor ex-combatente, peça para retirar o seu requerimento e guarde-o para quando o general tiver arriado a casa.

E então sim: vá ao Santo e à sua capela. Eu mesmo, se puder, também irei. Mas só depois, em tudo estando sossegado e a trabalhar, cada qual no seu posto e na sua função.

Pois não acha? Quer ache, quer não ache, aqui lhe deixo a minha opinião e o meu conselho, que me não pediu, é certo, mas pelo qual, também, nada lhe leve.

Coimbra, 3 de Junho.

Tomás da FONSECA

2.000 contos

Bilhetes abertos em cautelas, 1566, 4272, 4638 e 4341.

Largo do Conde Barão, 55

(Casa das sortes grandes)

A policia recomeçou a sua offensiva contra a população

A policia, como no tempo de António Maria da Silva continua praticando verdadeiras selvagerias. Esteve uns dias quieta, sossegadinha, tateando o terreno, mas já começou a deitar as mãosinhas de fora. Abriu a série das violências a policia da esquadra da Fonte Santa que tem a alcahueta de «Gago» agredindo ontem desalmadamente um pobre alcahuete que estava assistindo a uma festa na estrada dos Prazeres.

O pobre rapaz foi, depois de bárbaramente agredido, conduzido em charola para a esquadra da Fonte Santa. Junto a este posto policial juntou-se muita gente protestando contra a agressão. Isso foi o suficiente para que o celeberrimo chefe Alexandre Alves mandasse agredir toda a gente à coronhada, pelo que ficaram várias pessoas feridas. O chefe Alves levou ainda a sua sanha a mandar prender algumas das pessoas arbitrariamente agredidas.

A greve dos mineiros ingleses

LONDRES, 10. — Segundo uma informação da agência Reuters, o governo encara seriamente a hipótese duma rutura das negociações sobre as minas.

O sr. Cook, da Federação dos mineiros, declarou que os mineiros só voltarão ao trabalho nas antigas condições. — (H).

LONDRES, 10. — Os delegados dos mineiros regressaram aos seus distritos, visto não terem tido seguimento as negociações para a solução da greve.

Os representantes dos proprietários declararam também sair de Londres.

Pela comissão especial do gabinete foi ontem discutida a situação, resolvendo-se não se tomar nenhuma resolução que o chefe do governo regressasse a esta cidade.

TEATRO DA TRINDADE — Telef. N. 976

Hoje e todas as noites a interessante peça **O HOMEM DAS 5 HORAS**

Sabado, 12, noite de homenagem a ILVINO DE BRANCO. Terça-feira, 15, festa artistica de SÉRGIO LÉNE RUI, com a peça

A EXILADA

ATENÇÃO

A companhia Lucilla Simões-Erico Braga, estreia-se na quinta-feira, 17, no Teatro São Luís com uma comédia e a revista «Uma proleja», um acto e três quadros, original de Erico Braga, musicada por A. Coelho e intitulada

PAPO-SECO

Dos livros e dos autores

ADÃO E A SUA GOSTELA, por Mercedes Blasco

O novo livro de Mercedes Blasco mantém as qualidades de escritora vivaz e curiosa que é a autora da «Musa histórica». A linguagem de Mercedes é clara, franca, umas vezes cheia de ironismo, outras de sentimento, desse sentimento afectivo que é a característica de toda a gente que escreve o que sente, sem se preocupar com prudências de moral falsa, sem atender a contrafactos que deturpam a sinceridade e a independência do pensar.

Os desgostos que têm ensombrado a todo o passo a existência de Mercedes Blasco não embolaram a sua fina sensibilidade, parece, até, de contrário, que mais a apuraram ainda numa direcção de justa e de vibratidade cada vez mais apurada.

Neste livro «Adão e a sua gostela» há de tudo: o pitoresco de certas observações, a amargura de certos momentos, mas tudo vivido, eloquente, sugestivo.

SACRIFICIO INÚTIL, por J. R. Alves Júnior

José Ribeiro Alves Júnior na sua tentativa dramática «Sacrificio inútil» demonstra qualidades de observação apreciáveis. Não é um psicólogo na significação integral do termo, mas é indubitavelmente um espectador consciente de certos factos, que melhor impressionaram o seu temperamento. «Sacrificio inútil», tem ainda as naturais hesitações do principiante, não se fixa ainda o seu ponto de vista no horizonte da dinâmica social, mas por isso mesmo apresenta as condições precisas para que o tempo e o estudo possam dar o que lhe falta na consubstanciação do pensamento, na pormenorização de caracteres.

Nogueira de BRITO

Porque não se faz o mesmo em Portugal?

LONDRES, 10. — As companhias de caminhos de ferro anunciam uma forte redução de preços em várias categorias de bilhetes, principalmente em viagens diárias. Uma companhia, a Southern Railway, restabeleceu as facilidades que concedia outrora aos habitantes das grandes arredores, a fim de lhes permitir a vinda a Londres, em comboios de excursão, e fazer as compras e o que mais lhes for necessário para sua vida no campo e regressando no mesmo dia. Os jovens que se reúnem para se transportarem ao campo, ao ar livre, nos arredores e dedicar-se aos desportos, terão igualmente os preços das passagens muito reduzidos, de maneira a poderem regressar a Londres no mesmo dia, sem prejuízo das suas ocupações. — (H).

PEREIRA — Alfaiate
R. da Prata, 266, 1.
FATOS RECLAME a 295\$00

As inundações em Berlim
BERLIN, 10. — Os prejuízos causados pelas recentes inundações são calculados em 10 milhões de marcos.

O México e o clericalismo
MÉXICO, 10. — O governo permitiu o exercício do culto simplesmente aos padres de nacionalidade mexicana, sob o compromisso de não se intrometerem na política.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5516, de 7 de Maio de 1919, regulando o trabalho publicado no Diário da Manhã, de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço actual de 453. Aos assinantes que desejarem adquirir quantidade faz-se-lhe um abatimento de 50 p. cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA

A defesa da moeda

PARIS, 10. — Dá-se como certa a chegada a esta cidade de Temis, antigo presidente do conselho da Bélgica, que já conferenciou com Briand e Loucheur em Genebra sobre o problema do câmbio.

Prevê-se uma acção combinada da França, da Bélgica e eventualmente de Itália para defesa das respectivas moedas.

Em busca de regiões ignoradas

NOME (Alaska), 10. — Segundo afirmam os seus amigos, o comandante do dirigível Norge, coronel Nobile, espera organizar uma expedição para procurar conhecer as terras no Oceano Arctico, ao norte de Alaska. — H.

17 pessoas mortas num descarrilamento

CIDADE DO CABO, 10. — Um comboio descarrilou nos arredores desta cidade, resultando 17 mortos e 50 feridos.

Festas populares

Na sede do Gremio do Minho, rua dos Anjos, 13, continuam amanhã, pelas 22 horas, as festas populares organizadas durante o mês de Junho pela comissão de propaganda, que serão abrilhantadas a «jazz-band».

TEATRO NACIONAL — Telef. N. 3049
HOJE
A COMÉDIA EM 3 ACTOS
— DE —
CHARLES VENEZIANI

PROTAGONISTA

Antepassado

LUIZ PINTO

Encenação de

António Pinheiro

Magnífica interpretação

Os legítimos interesses britânicos...

LONDRES, 10. — O sub-secretário para os negócios estrangeiros declarou ontem nos commons que as últimas notícias recebidas da China confirmam que as autoridades militares de Tien-Tsin estão obrigando os comerciantes de sal a pagar-lhes os impostos, em vez de os entregarem à respectiva administração, rompendo assim o acordo relativo ao empréstimo que tem por base aquele rendimento.

Os protestos têm resultado inúteis, visto não ter sido ainda reconstituído o governo central de Pekim.

O sub-secretário acrescentou que vários passos estão sendo dados a fim de se assegurar o respeito pelos acordos internacionais; assim, estão sendo consultados os bancos que garantiram o empréstimo, e foram enviadas instruções ao ministro britânico em Pekim, tendo em vista a protecção dos legítimos interesses dos súbditos britânicos.

Um congresso inútil

DUBLIN, 10. — Uma assembleia de mulheres filiadas na Liga Internacional da Paz reuniu-se há no dia 8 de Julho, em Dublin. Entre as personalidades que assistiram a esta assembleia, contam-se o reformista hindu Gandhi e o escritor francês Romain Rolland. — (H).

A igreja albanesa aderiu...

ROMA, 10. — Segundo comunicam da Albânia, a igreja ortodoxa albanesa aderiu ao patriarcado grego.

Greve que termina

OSLO, 10. — Como consequência da aceitação duma proposta de conciliação, sobre a base duma redução de 17 000 nos salários, a partir de 1 de Janeiro de 1927, trinta mil operários de diversas indústrias, metalurgia, textil, mineira, construção civil, que se encontram em greve há um mês, decidiram voltar ao trabalho amanhã, 11. — (H).

OSLO, 10. — Depois dum mês de greve, os operários deliberaram regressar ao trabalho, aceitando as últimas propostas patronais.

História Universal del Proletariado

«Vinte siglos de opresion capitalista»
Esta publicação em lingua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadissimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fasciculo de 48 paginas, 180 p. pelo correio, registado, 180 p.
Estão publicados os seguintes fasciculos:
1.º — «La era de la esclavitud»;
2.º — «La rebelión de Esparta»;
3.º — «Abolición de la esclavitud»;
4.º — «Apoyacion y Servidumbre»;
5.º — «La revolución de los siervos»;
6.º — «La miseria de los agricultores»;
7.º — «Transformacion del Poder Feudal»;
8.º — «El comunismo cristiano»;
9.º — «Los miserables en la Edad Media».

Academia de Amadores de Música

Realiza-se amanhã, pelas 21,30 horas, a segunda audição desta época dos alunos das classes de solfejo, canto, violino, violoncelo e piano, dos professores: sr.ª D. Carmelina Borba, D. Sara de Sousa, sr.ª Ivo da Cunha e Silva, José Henrique dos Santos, Eduardo Libório e sr.ª D. Sara de Sousa, D. Ilda Gomes e D. Maria Helena Leal.

Uma violenta tempestade de neve

PARIS, 10. — Uma violenta tempestade caiu sobre esta cidade e seus arredores destruindo grande número de linhas telegráficas e telefônicas.

Dos Alpes comunicam ter feito sentir os seus efeitos uma tempestade de neve, cuja camada chegou a atingir cincoenta centímetros de altura.

Teatro Apolo

TELEF. N. 4129

HOJE

A linda peça de BRÁS MARTINS, ornamentada de música de ANGELO FRONDOI

O SANTO ANTONIO

Guarda-roupa de CASTELO BRANCO

O mais alegre, gracioso e oportuno espectáculo

— PREÇOS POPULARES —

TEATRO AVENIDA — Telef. N. 4356

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

HOJE — ÉPOCA DE VERÃO

Com o «suicídio» em 3 actos, tradução de E. RODRIGUES, DEBENEDICTIS, J. BASTOS, música de INEGRAÇA PINTO

O DR. DA MULA RUÇA

— Encenação de Estevam Amarante —

FARINHA PEITORAL LACTEA CENTAZI

A saúde das crianças

A força dos convalescentes

A energia dos velhos

— Procurar nas casas que melhores produtos vendem —

DESPORTOS, TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Futebol

Dos jogos Benfica-Carcavelinhos e Sporting-Vitória resultou um duplo empate

No Campo Grande, perante boa assistência, realizaram-se ontem os dois encontros que a Associação de Futebol de Lisboa organizou com a designação do fim de época e a favor da Assistência Infantil da C. M. L. Para fim de festa, foi mau o aproveitamento no primeiro jogo Benfica-Carcavelinhos. Houve de tudo um pouco e parece ter pegado a inovação dos jogos terminarem, por decisão do árbitro, antes do tempo regulamentar.

Ambos os grupos apresentaram em campo o seu habitual, embora no Benfica se notasse uma pequena modificação: Carreira à esquerda, Mateus a médio e Francisco Costa nas rédeas. A arbitragem a cargo de Tavares da Silva, que foi muito desorientada e imprecisa, originou os desagradáveis incidentes que caricaturaram o desafio. O Carcavelinhos, empregando logo de começo a sua habitual energia que a pouco e pouco se vai transformando em violência, muda a característica dum encontro leal para um jogo vil.

O árbitro complacente, brando, não reprimiu como devia e o Benfica lamentavelmente enveredou pelo mesmo caminho; a luta apresenta-se nos arduos e tumultuariamente.

Carcavelinhos marca duas vezes na primeira parte, enquanto o Benfica obtém um ponto apenas, bem trabalhado por Jorge Tavares, a poucos minutos do intervalo. Na segunda parte intensificam-se as complicações dos processos duros. Tavares da Silva procura reprimir, mas já é tarde e o jogo é constantemente interrompido pelo apito para a marcação de livres, punindo faltas. As deslocções imaginárias, que o árbitro pune, prejudicam os dois grupos; Benfica primeiro, o Carcavelinhos depois. Este marca ainda um ponto mais, parecendo que a vitória se inclina para o seu lado. Mas o Benfica reage e na marcação de uma falta, perto da área, V. Hugo obtém, com excelente colocação, o segundo ponto para o seu grupo, e minutos depois Simões estabelece o empate, após uma melde. Os jogadores «alcantarenses» protestam, contestando a legalidade do ponto obtido pelo adversário; mostram-se na disposição de não acatarem as decisões do árbitro e este, bastante desmoralizado, dirige-se ao camarote da Associação e decide abandonar o campo. Faltavam quinze minutos quando o jogo terminou com grande satisfação para o publico, enervado de há muito pelo indecoroso espectáculo. Três bolas a três, foi o resultado deste infeliz encontro, nos seus setenta e cinco minutos!

Depois das dezoito horas entram em campo o Vitória seguido pelo Sporting. O primeiro com a sua habitual linha, que disputou o campeonato, o segundo com modificações de ensaio, que não nos parecem desastrosas. Ferreira a médio centro; Leandro no lugar daquele. Filipe a avançado centro, Serra e Moura a extremo direito e João Francisco a médio direito, deram homogeneidade ao grupo, que teve uma primeira parte francamente boa, mostrando-se o Vitória pouco combativo, mormente os médios centro e esquerdo.

Ambos os grupos marcaram uma bola cada, nesta primeira metade. O Sporting primeiro, o Vitória pouco depois, sendo ambos os pontos originários de pontapés de canto. No segundo tempo o Vitória assume com mais vantagem o comando do jogo e origina, com os seus ataques, sérias situações de perigo, que Cipriano, numa boa tarde, em excelentes paradas, evita.

Não há no segundo tempo marcação de bolas, embora de parte a parte se tenha feito jogo para isso. Viegas, embora menos apertado que o seu companheiro, defende com êxito, muito especialmente uma passagem violenta e infeliz dum dos seus defesas, que lhe ia sendo fatal. O fim chega e o empate 1-1 subsiste. Poderemos classificar de justo o resultado se observarmos que ambos os grupos se empregaram bem, com vantagens reciprocas em cada metade do tempo regulamentar.

A arbitragem a cargo de João dos Santos felicíssima. Se o acerto verificado na sua arbitragem, vendo e acusando oportunamente, dando mostras logo no começo que não permitiria a violência, tivesse sido posto em prática pelo seu colega que dirigiu o primeiro encontro, os factos lamentáveis e despretigantes já focados não teriam realização.

A parada anunciada para a entrega das taças e prémios aos vencedores do campeonato não se verificou. Mas não sabemos bem porquê...

O Lisboa-Madrid

Como noticiámos, chega amanhã a Lisboa no rápido de Madrid, a «equipe» de futebol representativa dos clubes da capital espanhola que, no domingo, às 17 horas, se defronta no Estádio com a equipe representativa dos clubes de Lisboa. O encontro vai ser animadissimo, permitindo verificar os progressos dos internacionais das duas cidades. As cores lisboenses terão um «onze» que as defenderá galhardamente, com um conhecimento completo do jogo; um grupo de jogadores cheios de entusiasmo e de decisão.

Ciclismo

Os 100 quilómetros da U. V. P.

No próximo domingo vai a nossa Federação ciclista realizar a segunda prova do seu calendário deste ano.

Trata-se da prova clássica de 100 quilómetros a qual se realizará no percurso Lisboa (Mercado Geral de Gados) Ericeira, Mafra, Malveira, Loures, Lisboa (Mercado Geral de Gados).

A partida será dada às 8 horas, devendo a chegada dos primeiros corredores efectuar-se por volta do meio dia.

A inscrição, que já conta alguns nomes dos melhores corredores da actualidade, deverá encerrar-se no próximo sábado às 23 horas.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Teatro Nacional

«O Antepassado», de Carlo Veneziani, tradução de Luís Vilar

A peça que, com o título de «O Antepassado», se exhibe no Nacional não é mais que uma obra de contraste em que se procura demarcar duas épocas sintetizadas no passado e no presente. É uma brincadeira com certa dose de filosofia natural em que frente a frente se colocam temperamentos, costumes e tendências. Não é bem uma luta entre o passado e o presente, é antes uma defrontação de usanças que colidem, de noções morais que se chocam, de processos de actuar que são divergentes. O autor, Carlo Veneziani, teve uma exposição de factos, não concretizou uma análise. Nem o passado nem o presente têm a sua predilecção. Apresenta os libertos de comentários decisivos, sem se dar ao trabalho de eleger a sua predilecção. Os que amam o passado sorriem, os que idolatram o presente não modificam a sua opinião.

O dramaturgo escreveu a peça de modo a permitir que antes o espectador tire conclusões, se é que as possa tirar, do que é próprio, que é afinal um espectador atento. Conceitos filosóficos não os tem a comédia, que atinge uma curiosa mistura de dramático e de burlesco. Para que fazer Carlo Veneziani esta peça? Para fazer passar um bocadinho de tempo distraidamente? Deve tê-lo conseguido. A tradução dum peça destas é difícil de fazer. Desde que aos dois personagens principais separe uma distância de séculos, seria indispensável pôr na boca de cada um deles a linguagem adequada à época em que vivem. Historicamente seria melhor fazê-lo, mas conviria isso ao efeito teatral? Num obra de reconstrução histórica o emprego dum linguagem integra conforme com o tempo em que ela se desenvolve, é interessante, embora de grande dificuldade e quase sempre sujeita a falhas. Mas numa peça deste feitio não vejo vantagem nem necessidade.

É claro que se deve fugir à adopção de termos demasiadamente actualis na personagem que encarna o passado, (e nesse ponto o tradutor foi precipitado), mas daí a escolher linguagem própria vai uma grande distância e isso mesmo seria pouco possível, e a sê-lo tornar-se-ia fastidioso para as plateias de hoje. Depois, a peça vive da acção, das situações e não do estudo psicológico de épocas que assim determinasse uma preocupação linguística.

Os comentários de alguns espectadores ao modernismo da linguagem, onde ela deveria ser arcaica, devem ser descabidos, tanto mais que muitos dos comentadores não têm sido dominados por essa minúcia, quando têm assistido à representação de peças históricas, feitas por muitos bons nomes e em que é vulgar ouvir figuras da nossa história passada a falar como se fala hoje na Brasileira do Chiado...

O desempenho foi bastante harmónico. Luís Pinto compreendeu bem o seu papel, talvez, porém, lhe tivesse sido mais conveniente não movimentar tanto a personagem. Ribeiro Lopes, à vontade e certo. António Pinheiro, muito bem na rábula do guarda-porta. Ema de Oliveira, muito bem, também. Albertina de Oliveira, galante. Emília Fernandes, muito correcta. Salvador Marques, Alice Ogando, Balsemão e Assis Pacheco, bastante certos. Direcção artistica, de António Pinheiro, excelente.

N. B.

No Salão de S. Carlos

Depois duma conferência em que o sr. Manuel de Oliveira Ramos preleccionou sobre música e que a assistência aplaudiu no final, realizou-se o recital de Corina Freire em que foram cantados por esta interessante artista números de Scarlatti, Schumann, Tschaiowsky, Korsakoff, Rui Coelho, Chopin e outros autores.

Com um belo acompanhamento do pianista Varella Cid, Corina Freire exibiu mais uma vez os seus esplendidos dotes vocais. O sentimento com que cantou aliá-se à boa qualidade do timbre da sua voz e à optima dicção tão pouco ligada aos nossos cantores.

Principalmente Korsakoff e Tschaiowsky foram primorosamente interpretados. Corina Freire, pela docura da sua linda voz, pela emissão fácil com que se serve dela, pode ser considerada como das melhores cantoras de Lied que o nosso país possui. É pena que este recital que a União Intelectual portuguesa, promoveu no Salão de São Carlos, não fosse mais conscientemente elaborado, isto é, por forma a orientar a evolução de Lied, exemplificando de verdade com números que, verdadeiramente podessem corresponder a esta classificação monodica.

Há toda a vantagem em orientar estas audições num sentido metódico, de maneira que a função educativa se não perca, como é mister em sessões de arte.

Nogueira de BRITO

Noticias

Durante a permanência da companhia Ba-Ta-Clan de Paris no Trindade a companhia Lucilla Simões-Erico Braga passa para o teatro São Luís, onde se estreia na quinta-feira 17, representando uma comédia e a revista num prólogo, um acto e três quadros, original de Erico Braga, música original e coordenada de Alves Coelho, intitulada «Papo-Seco», com a colaboração da bailarina Alexiane, do Casino de Paris.

Repete-se hoje a interessantissima comédia «O Antepassado» que ontem no Nacional obteve um grandioso successo pelo seu entrecho inédito e pelo trabalho de Luís Pinto que no protagonista tem uma magnifico trabalho.

Reclames

Para aligerar tristezas, não há melhor espectáculo do que o Gimnásio, «O egípcio Pina», com as suas aventuras e com as peripécias que lhe sucedem algumas das quais se passam, mesmo, a bordo do «Minho», vapor de que é o famoso comandante fazem com que, no teatro, todas as noites se passem três horas de permanente gargalhada. Ali, ao elegante Gimnásio afluem numerosas famílias da melhor sociedade, que apreciando a desopilantissima farça, gosam um espectáculo que as diversifica, sem ofensa do bom gosto. Hoje, no Gimnásio se repete o «O egípcio Pina», não faltará lá enorme concorrência.

Ainda desta vez foi acolhida com geral agrado a peça que o seu autor Braz Martins intitulou «Gabriel e Lúsel, ou o Taumaturgo», e que o vulgo denominou, «Santo António», por ser a personalidade que nela mais realça, referindo-se a obra aos vários milagres do primeiro dos santos populares. O publico gostou e aplaudiu, vindo no Apolo com curiosidade o

Vida Sindical

Litógrafos e Anexos — A comissão administrativa resolveu pedir a todos os delegados que ainda não prestaram as suas contas ao Sindicato que o façam hoje, a fim de não prejudicarem os serviços de escrituração. Também pede a todos que tenham em seu poder quites para o camarada Carlos Torral, que delas dêem contas para mais rápida distribuição.

REUNEM-SE HOJE:

S. U. da Construção Civil — Secção dos Serventes — Pelas 20 e meia horas, a comissão administrativa, sendo indispensável a presença de todos os componentes.

Litógrafos e Anexos — Pelas 19 horas, a comissão administrativa.

A REACÇÃO ESTABELECEU EM MOÇAMBIQUE O SEU IMPÉRIO

LOURENÇO MARQUES, 19 de Maio—Esta cidade está agora a braços com um período reaccionário. Estão a suportar as consequências dessa enfermidade os presos por questões sociais, sobre os quais incidem os odios ferozes desde o mais reles polícia ao delegado do Ministério Público.

As visitas à cadeia só são permitidas às segundas e quintas-feiras apenas durante 15 minutos. Os presos estão privados da leitura dos jornais que defendam ideais de justiça, como *A Batalha*. Só podem ler os jornais de feição caracteristicamente reaccionária. O *Século* e o *Diário de Notícias* só puderam entrar ali livremente depois de terem cessado os ataques que faziam ao Alto Comissário.

O delegado do Ministério Público também não consente que os presos leiam livros de autores de ideias liberais, tendo recusado a entrada de algumas obras de Paulo Mantegaza e Faustino da Fonseca por julgar que estes escritores perigosos.

Em Lourenço Marques toda a população julga vivermos em perfeita monarquia.

Quem não se declara católico é perseguido e maltratado como está sucedendo aos presos. Há dias foi mandada passar uma busca à prisão, e como encontrassem uns exemplares da *Batalha* mandaram imediatamente queimá-los. O que significa esse gesto?

Ninguém tem dúvidas acerca da aliança que os reaccionários fizeram com os *republicanos históricos* que para aqui exportaram. O povo republicano e liberal tem de lutar muito para de novo conseguir restaurar o regime implantado em 1916.

Confirmam-se os maus tratos a presos

Esperava-se de há muito que os resultados dos inquéritos levados a efeito pela Polícia de Investigação tivessem o seu desfecho desastroso para os que infamemente têm tripudiado durante seis meses.

O governo de Azevedo Coutinho, o maior responsável pela morte de Henrique de Sousa, prevendo a acusação que contra ele adviria dessa morte, que sancionou aprovando-lhe todos os actos de força e de crueldade que lhe apeteceu pôr em prática, viu que o único refúgio às responsabilidades seria desviar a origem da morte do Comissário e assim, tendo apanhado a denúncia de um Belchior, conseguiu fazer prender Joaquim Martins, que se entregava de-há muito à prática do jogo, ou por outra, como guarda-portão de casas de jogo.

Para o director de Investigação Criminal, foi um ápice aparecer um ferroviário que se tornasse criminoso. Muitos dias em pé e Joaquim Martins haveria de confessar.

De facto confessou, mas logo que passaram para juízo, apareceram dizendo que tinha confessado para que o não massassem mais com a sonolência a que o sujeitaram.

Por outro lado, aparece Ramos confessando-se o autor e buscando para si a responsabilidade do que cometeu.

Vem tudo isto a propósito de mostrar o que está sendo a inquirição nos cárceres do Santo-Ofício, debaixo da superintendência do sr. Comissário de Polícia e director de Investigação Criminal dr. Maldonado.

Aqui não se pode reclamar para o ministro da Justiça, visto que a autoridade acima deslêes é tão ou mais reaccionária do que eles.

Em tempos, *O Imparcial*, do dr. Archer e Silva, que aqui representa os interesses dos Rocioiros da Zambézia, foi ouvir alguns presos e em letra gorda pegueu com algumas declarações de presos que de facto não tinham sido maltratados mas, quanto aos presos que o tinham sido, não os ouviu e limitou-se a dar a queixa de João de Almeida Ramos, em letra minúscula que facilmente passaria despercebida.

Confessou porém que João de Almeida Ramos tinha levado com a arma (que supunham ser a que matou o Comissário) nos lábios, um sóco e um pontapé, mas pouca coisa, visto que não mostrava sinais ou vestígios das pancadas!

O outro preso é o José de Sousa Arcanjo, agredido a pontapé no baixo ventre e que a polícia declara que de facto foi agredido mas com uma botafeta! Temos pois a confissão e a prova do crime, demais partindo donde parte, e ouvido por reporter afeiçoado ao meio.

Perante estes actos que não são os de pior monta, visto que não queremos voltar a relatar os monstruosos processos de fazer andar dias e noites de pé, até ao completo desfalecimento, impõe-se da parte do sr. ministro da Justiça um inquérito rigoroso aos actos do director da Investigação

Criminal e autoridades que permitiram os maus tratos a todos os indivíduos que passaram pelas celas da Bastilha moçambicana.

As provas que o director de investigação vai apresentar para acusar a trinta e tal vítimas que conseguiu enredar na sua teia de hábil gerador de «complots», são as polícias que nada viram e simplesmente vão dizer que ouviram.

O juiz aceitará a depor como testemunha um indivíduo que é levado a depor como simples automático?

Que valor dará o juiz a tais testemunhas, desde que se capacite que elas nada viram mas que simplesmente são apresentadas para não invalidar o processo e não serem posos em liberdade os que não cometeram crime algum e tão somente se rebelaram contra os actos ilegais do governo de Vítor Hugo de Azevedo Coutinho?

E isso que ansiamos presenciar para fazer os juizes que tal caso merece.

Acuriosa história de uma mensagem

Tudo ufano *O Radical*, jornal que já informei ser pago pelas fendas das inúmeras alcavalas criadas neste regime de *sensata* administração, vem publicando a mensagem que entregou ao alto comissário o seu director, Américo Rodrigues Pereira, mais conhecido, em Lourenço Marques, pelo «Belchior», pelo facto de se ter dado em tempos à ocupação de comprar velho e vender novo, isto é, restaurava coisas velhas e vendia por novas. Em suma, um intrujão.

Pois as mensagens que foram lidas a Azevedo Coutinho, se este tivesse vergonha, t-las-hia mandado deitar imediatamente fora por poderem comprometer mais a sua vida de baixista a que aqui chegou.

O grupo que subscreve a mensagem, Sociedade de Propaganda Colonial Prô-Pátria, é um grupo carbonário que aqui existiu há tempos mas que, por falta de sócios, deu em droga. Ficaram, porém, adesivos para qualquer eventualidade o tal Belchior, Lopes de Almeida o «Manivela», e uns seis outros indivíduos de *vida duvidosa*.

O facto de Azevedo Coutinho receber a mensagem das mãos de Américo Pereira e assinada por ele, representa o mesmo que se a população o deitasse ao maior dos despresos.

Não podendo a população admitir em seu seio o tal Américo, conveio-lhe que Azevedo Coutinho demonstrasse a sua baixaza, aceitando uma mensagem de oito dos maiores patifórios que por aí se escondem a título de representarem a Prô-Pátria.

Mas qual Prô-Pátria nem qual carapuça, se isso há muito que caducou e nem sócios possui?

Não compreendemos o que foi.

Vitor de Azevedo Coutinho, viu-se desamparado da população e temendo a sua despedida fria, como foi, tratou talvez de encomendar o frete de uma ou duas mensagens para dar cor ao acto e poder mostrar em Lisboa que a população se foi de despedir com saudade e que portanto pedem o seu regresso a esta cidade dentro do mais breve período de tempo.

Para subscrever tal mensagem não aparecia uma Câmara Municipal porque o povo cal-lhe-lhe em cima; não aparecia a Associação do Comércio porque os seus componentes não a autorizavam; não aparecia a Associação dos Lojistas pelo mesmo motivo e, ainda, não apareciam nenhuma das Associações porque a população se acha completamente divorciada de Azevedo Coutinho e do seu sequito.

O caso era para ponderar e como fosse necessário aparecerem as mensagens encargou-se disso «O Belchior» e «O Contrabandista do Nyassa».

Um subscreveria uma mensagem em nome da Prô-Pátria, e o outro, como Presidente do Centro das Esquerdas, subscreveria a outra.

O que tem graça é que os componentes da Prô-Pátria são implicitamente os componentes da Esquerda do Lima.

E assim foram apresentadas duas mensagens a sua ex-^a, que todo anjo julgará chegar a Lisboa sem que lhe descobrissem o valor moral de tão ruins papeis que um homem sério rejeitaria aceitar.

Há papeis que comprometem, e Vítor Hugo de Azevedo Coutinho, se sentisse um assomo de vergonha, deitaria pela borda fora do navio em que viaja, os papeis altamente comprometedores que são aquelas tristes mensagens de encomenda.

Vitor Hugo de Azevedo Coutinho desceu até onde podia descer, e teimando em regressar a Lourenço Marques, ou se su-

AGENDA

CALENDARIO DE JUNHO						
D.	6	13	20	27	HOJE O SOL	
S.	7	14	21	28	Aparece às	5,11
T.	8	15	22	29	Desaparece às	20,1
Q.	2	9	16	23	FASES DA LUA	
Q.	3	10	17	24	L. 1.ª dia 23, 24, 25	3,25
S.	4	11	18	25	Q. 1.ª dia 25, 26, 27	5,11
S.	5	12	19	26	Q. 2.ª dia 27, 28, 29	17,48

MARES DE HOJE	
Pratamar às	3,23 e às 3,43
Baixamar às	8,53 e às 9,13

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94975
Madrid cheque		2899
Paris, cheque		560
Suiza, cheque		3878,5
Bruxelas cheque		561
New-York, cheque		10555
Amsterdã, cheque		7586
Itália, cheque		573
Brasil, cheque		3805
Praga, cheque		558
Austria, cheque		5524
Berlim, cheque		2577

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Nacional.—As 21.—O Antepassado.
Ginástico.—As 21.45.—O célebre Pina.
Apollo.—As 21.45.—O Santo António.
Trindade.—As 21.45.—O homem das 5 horas.
Ester.—As 20.45 e 22.15.—O Troi.
Benedita.—As 21.15.—O Pão de Lóu.
Maria Vitória.—As 20.50 e 22.30.—Foot-Balls.
Sálto Esp.—As 21.—Variedades.
Cinema Elvís (4 Graças)—Especiais às 3.
2.ª, sábados e domingos com ematines.
Exibição Dança—Todas as noites. Concertos: di-
versos.

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Ter-
rasse—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—
Tortoise—Cine Paris.

PEDRAS "METAL AUER"
PARA ISQUEIROS
VENDAM-SE NO LATA, DO LARGO
DO CONDE BARÃO, 55
Duzia \$40; 100, 2580; mil, 25800
Pedra grande, duzia, \$50

LIMAS NACIONAIS

Só a grande feiti-
ço de propaganda tem
dado lugar a 413
sinais hoies con-
sumam em Portu-
gal limas estran-
geiras, visto que
as limas nacio-
nais são de En-
tra.

MARCAS REGISTRADAS—A pressa de Lima
União Tome Pereira, Ltd., é a única que
qualidade com as melhores limas do mundo.
Experimentem, pois, as vossas limas que
encontram a venda em todos os pontos de
cimentos de terraplenagem país.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Nar-
ciso—A/s 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10
horas.
Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às
5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff-
man—12 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—
12 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 ho-
ras.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 ho-
ras.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5
horas.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raios X—Dr. Alceu Salgueiro—4 horas.
Análises—Dr. Gabriela Bento—4 horas.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 30000
Sapatos em couro 28000
Botas pretas (grande saído) 48000
Botas brancas (saído) 28000
Grande saído de botas pretas 38000
Botas de couro para homem 48000

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com
outra casa.
Ver bem, pois só lá encontra boas barat.,
A Social Operaria é a mais das Calçadeiras,
16-20, com Filial na mesma rua, 28.

jeita a ser recebido a fureio ou a dominar
pela força das armas uma população que
terá de abandonar a Província para o de-
ixar governar a ele.
Esta é a verdade.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

CUTELARIAS E TALHERES

LOUÇA ESMALTADA

OUARNIÇÕES PARA MÓVEIS

REDE E PREGARIA

Sortido completo
em ferramentas para
carpinteiros, marceneiros,
serralheiros, etc., etc.

FOLES, VENTONHAS,
ENGENHOS DE FURAR,
LIMAS, BROCAS E MANDRIS

VIANA, REIS & NUNES, L. DA

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33—LISBOA

Telefone C. 2890

SALVADOR BARATA, L. DA

non DAS ANIVOTAS N.º 19-A e 11-E
TELEFONE T. 546 MISBOA

Fabricantes dos Alvalade marca «GAIVOTA» e únicos depositários do
«P.º RODRIGUES»
O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS,
BARATAS, FORMIGAS, etc.
em todas as DROGARIAS, MERCERIAS
e lojas de FERRAGENS

AGENTES
No Porto—Sociedade Produtos Quími-
cos, Lda—R. 51 de Janeiro, 171, 1.ª
Lhas—JOSÉ GOES FERREIRA
FUNCHAL

A VENDA
O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS,
BARATAS, FORMIGAS, etc.
em todas as DROGARIAS, MERCERIAS
e lojas de FERRAGENS

Renovação

Revista gráfica

A 1 e 15 de cada mês

Preço rec. 1,50

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo,
por Campos Lima, \$800.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por
Mário Domingues, \$600.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais
indígenas), por Manuel Kopke, \$600.
A venda nas livrarias e na administração
de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua
dos Poais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas. \$50
O sentido em que somos anarquistas
A peste religiosa. \$30
A liberdade. \$40
A Internacional (música e letra). \$30

Pedidos à A BATALHA
ou no Cais do Sodré, 82

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda
uma bela obra de
RICARDO MELLA,
"IDEARIO"
que consta dum volume
de 336 páginas dividido
nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação
Libertária — Tática — Evolução y
Revolução — Violência — Libertad y
Autoridad — Ensayo a Filosofico-li-
terario — Ideas Economicas — Moral
Temas sociológicos — Pedagogia —
Vida Española — Hombres Representa-
tivos — Trabajos Polémicos — Lec-
turas — Fragmento inédito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50
Pedidos à Administração de
«A BATALHA»

Ler a revista gráfica RENOVACAO

Empresa de Trans de Aluguer
da Graça

Rua de São Gens (à Graça)
Telefone Norte 2042

Esta Empresa participa aos seus esti-
máveis clientes que, a partir do dia 1
de Abril, reduziu os seus preços, esta-
belecendo a tabela seguinte:

As duas primeiras horas 25\$00
Cada hora a mais. 10\$00
Serviços de TEATRO, le-
var e buscar. 15\$00
Serviços para fora de Lisboa preços
convencionais.

Companhia dos Caminhos de Ferro
Portugueses

AVISO

Fica sem efeito o serviço especial
para Lisboa, anunciado no cartaz
n.º 1.263, de 27 de Maio próximo pas-
sado, por terem sido adiadas as fes-
tas da Cidade em Lisboa.
Lisboa, 3 de Junho de 1926.
O Director Geral da Companhia,
Freireira de Mesquita.

FÁBRICA
de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244—LISBOA —

Novo Talho e Salchicharia

Rua Marquês Sá da Bandeira, 26, 28

Com grande abundância de carne de va-
ca, vitela, carneiro, porco, toucinho e seus
derivados.

Suplemento semanal ilustrado
de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano
deste interessante semanário, devidamente
encadernado, numa óptima capa em perca-
lina ilustrada a cores, por Alonzo, con-
tendo um indispensável índice dos variadí-
simos assuntos de ordem doutrinária, literá-
ria e artística.

O seu preço é 1 volume com 420
páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice),
20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00

Pedidos de colecções, ou envio destas
para encadernação, à administração de A
Batalha.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista
intitulado *Pigmalion*, de Federica Mont-
seny. — Preço, \$50. — Pedidos à adminis-
tração de A Batalha.

O Sindicalismo Revolucionário e a
Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um
dos maiores oradores da Alemanha, mem-
bro da A. I. T. Folheto com 32 páginas,
com um esboço biográfico do autor. Preço
1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkonof. Preço 1\$50.

"A BATALHA" no Funchal vende-se
No Bureau de La
Presse.

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos
oferecer uma colecção do semanário anar-
quista «Terra Livre» para ser vendida em
favor de A Batalha. Aquele camarada fixo:
o preço de 1\$00.

Alguns camaradas que desejem adquirir este
interessante semanário pode dirigir-se a
nossa administração.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal

Redacção e administração—*Empresa Lite-
raria Fluminense, Limit.*—R. dos Re-
trozeiros, 125—LISBOA.

A venda na administração de A
Batalha.

duto, a uns seiscientos passos de distância da Ponte,
a fim de estarem garantidos contra qualquer surpresa.

Mas podia-se abrir uma passagem através do
muro, penetrar por ela nos aposentos do duque e ten-
tar raptar-lhe Cornélia. Uma dúzia de homens resolu-
tos, bem armados, tendo quasi garantida a retirada,
podiam realizar esta audaciosa empresa.

Foi aceite a proposta do sapador, porque só ela
oferecia alguma probabilidade de bom êxito, por maio-
res que fossem os perigos a correr.

Pela manhã, muito cedo, Antoniq, a pesar de fe-
rido, mestre Barbot, o sapador e o aprendiz de Anto-
niq, o capitão Mirant e seis dos mais intrépidos tri-
pulantes do seu bergantim desceram ao aqueduto, pela
saída que ele tinha para dentro da cidade, e assim se
dirigiram para o quartel general dos realistas.

Difícil e bem difícil foi a abertura no sólido muro
que os realistas tinham construído para obstruir o aque-
duto.

Não se podia empregar a pólvora, para não des-
pertar a atenção do inimigo; e a passagem era tão es-
treita que não podia estar nela mais dum homem no
trabalho da demolição.

Afinal sempre se perfurou o muro, e os protestan-
tes chegaram ao quarto de frei Hervé.

Cornélia foi salva!

A sangrenta derrota dos realistas, por ocasião do
último assalto dado por eles ao baluarte do Evangelho
foi o prelúdio do levantamento do cerco da cidade;
após mais alguns renhidos combates, em que os rea-
listas tinham sido vergonhosamente vencidos, o duque
d'Anjou mandou alguns senhores a Rochela com pro-
postas de paz.

A maioria do conselho municipal declarou que a
Rochela não deveria as armas enquanto um novo édito
real não consagrasse os direitos e a liberdade dos ci-
dadãos; mas a minoria, que bem sabia o valor dos
éditos reais, queria romper para sempre com a rea-
leza.

A maioria venceu, como era natural.

Nomearam-se comissários em ambos os campos,
a fim de regular as bases do novo édito.

Os comissários católicos foram: o sr. de Vauguyon,
Renato de Villequier, Francisco de Baume, conde de
Suze, o sr. de Malicorne, o marechal de Montluc, Ar-
mando de Gontaut Biron e o conde de Retz.

Os comissários huguenotes eram dois burgueses: o
administrador Morisson e o capitão Gargouillaud. Os
reformados mantiveram energicamente as suas preten-
sões, e estipularam-nas, não somente em seu nome
próprio, mas em nome de todos os membros da União
republicana protestante (decisões que esta União repe-
liu, pretendendo e com razão, que não tinha sido con-
sultada, e recusando-se a reconhecer a autoridade real).

Assim, graças à sua corajosa insurreição e à sua
heroica resistência, a Rochela impôs a Carlos IX o
édito de 15 de Julho de 1573, que consignava, e até
ampliava, todas as regalias até então obtidas pelos
protestantes.

Uma cláusula deste édito, esmagadora para o par-
tido católico, declarava «que todas as insurreições rea-
lizadas depois da noite de 24 de Agosto de 1572 eram
amistadas».

Carlos IX confessava assim que os Reformados ti-
nham tido razão de recorrer às armas, para punirem
e vingarem o crime daquela noite fatal.

O cerco da Rochela foi, pois, vergonhosamente le-
vantado pelo exército católico. Esta expedição custou
ao rei somas fabulosas, nos diferentes ataques, e por
efeito de doenças, perdeu ele cerca de vinte e dois mil
homens; entre os senhores e capitães mortos durante
o cerco figuravam o duque d'Aumale, os sr.s de Cler-
mont, de Fallard, de Cosseins, de Goas, etc., e mais
de trezentos oficiais subalternos, de pequena nobreza.

Bem vêdes, filhos de Joel, que o glorioso resultado
do cerco de Rochela veio consagrar mais uma vez esta
verdade, tantas vezes inscrita pela história nos anais
da nossa família plebeia: «Nunca se deve desanimar,
mas lutar sempre, combater sem cessar. E' só, sem-
pre fatalmente, pela força, pelas armas, pela Revolu-

ção, que nós podemos conquistar os nossos direitos,
sempre negados, desconhecidos ou violados, pelas nos-
sas fígadas inimigas: A Igreja de Roma e a Rea-
leza.

Terminado o cerco da Rochela, eu, Antoniq Le-
brenn, que escrevo esta legenda, casei com a minha
noiva, Cornélia Mirant.

Logo depois do meu casamento, eu puz em exe-
cução o projecto de há tanto ambicionado, de ir viver
na Bretanha, perto do berço da nossa família.

O coronel de Plouernel, antes de sair da Rochela,
tinha tornado a propor-me que lhe tomasse por arren-
damento uma fazenda dependente da castelania de
Merléan, herdada do pai de sua mulher, e chamada a
fazenda de Karnak, porque ficava junto às pedras con-
sagradas pelos druidas dos heróicos tempos da velha
Gália, pedras que se conservavam ainda de pé e ali-
nhadas em longas avenidas, como no tempo de Júlio
César, em que nossa avó Hèna, a virgem da ilha de
Sên, se ofereceu em sacrifício aos deuses, na espe-
rança de os tornar favoráveis aos gaulezes, que se ba-
tiam pela pátria, pela família, pela independência.

Eu aceitei a proposta do coronel de Plouernel,
proposta que muito agradou a Cornélia e ao pai. Como
navegava entre a Rochela e Vannes, porto situado
muito perto de Karnak, o capitão Mirant passaria con-
nosco todo o tempo que não consagrasse ao seu ofício
de marinheiro.

Eu cedi o meu estabelecimento de armeiro.

Minha irmã Tereza e seu marido Luis Rennepont,
preferiram continuar a viver na Rochela, mas prome-
teram-nos, bem como mestre Barbot, virem todos os
anos visitar-nos à nossa terra de Karnak.

Nós não quizemos separar-nos do nosso bom tio
Josefino, que tenciona embalar os nossos filhos e can-
tar-lhes a sua canção de sapador, como outrora fazia
a meu pai Odelin e a meu tio Hervé, de lugubre me-
mória.

A 20 de Outubro de 1573 estabelecemo-nos nós,

Cornélia, meu tio Josefino e eu, na nossa casa de Kar-
nak; e eu, de armeiro, fiz-me fazendeiro.

Hoje, 17 de Janeiro de 1574, eu, Antoniq Lebrenn,
acabo de escrever esta legenda, que é a continuação
da que nos legou meu avô, o impressor Cristiano, o
amigo de Roberto Etienne.

Vou juntá-la aos anais e às reliquias da nossa fa-
mília, assim como a Bíblia Portatil impressa por meu
avô, e que minha tia Hèna, em religião irmã Santa
Francisca do Tumulo, trazia consigo momentos antes
de por vinte e cinco vezes ser lançada viva na fogueira,
a 21 de Janeiro de 1535, na presença do rei Francisco
I, para maior glória da Igreja católica, apostólica e
romana!

Vergonha eterna sobre essa igreja católica!

Eu continuarei, segundo o costume dos nossos pre-
decessores, a juntar aos anais da nossa família a nar-
ração dos acontecimentos políticos mais importantes
que se passaram nos nossos dias.

O édito da pacificação da Rochela pareceu insufi-
ciente aos huguenotes das outras províncias, partidá-
rios da federação republicana das igrejas reformadas.

Eles aspiravam à sorte das províncias espanholas
dos Países Baixos, que sacudindo finalmente o jugo de
Filipe II e da igreja de Roma, mantinham a sua re-
pública protestante.

Numerosas reuniões tiveram lugar no Delfinado,
em Languedoc, na Guyana.

Decretou-se a expropriação dos bens eclesiásticos.
O partido dos «políticos» engrossava dia a dia e,
partilhando as aspirações de independência dos Refor-
mados, juntava-se a eles para combater a autoridade
real.

Os moços príncipes de Condé e Henrique de Bearn,
envergonhados finalmente da sua apostasia e da sua
inacção, tentaram fugir da corte de Carlos IX para irem
reunir-se aos protestantes.

Condé foi o primeiro que conseguiu fugir, indo
para Strasburgo, e desta cidade dirigiu um manifesto
em que renegara a sua abjuração católica e se dedi-



O reconhecimento da capacidade jurídica da Igreja

O governo que prometeu não fazer política de facções continuará disposto a servir os interesses eleitorais do jesuíta Lino Neto?

Do actual governo fazem parte alguns reacçãoários, de entre os quais merece destacar-se o sr. Mendes dos Remedios, antigo lente de teologia da Universidade de Coimbra e actualmente professor do mesmo estabelecimento de ensino. Foi ele um dos principais culpados da aprovação da tese «Lourdes e a Medicina», escândalo este que veio demonstrar a existência dum viço de reacçãoários que sacrificava aos dogmas e às superstições católicas a própria ciência.

O ministério de que ele faz parte ocupou-se, a primeira vez que reuniu, da preparação dum decreto reconhecendo a capacidade jurídica da Igreja. Isto prova que não falta, dentro do actual governo, quem esteja disposto a servir os maneios da reacção clerical que ultimamente tem realizado, com êxito, uma obra de infiltração que mais tarde há-de produzir seus inevitáveis frutos.

Apresenta-se essa medida como uma satisfação aos católicos, que são em grande número, neste país. É um pretexto estudado com o objectivo de abafar os naturais protestos daqueles que não querem ver o país transformado numa dependência do poder malféfico e destrutivo do Geral da Companhia de Jesus, conhecido em todo o mundo pela significativa denominação de Papa-Negro. Os numerosos católicos existentes no país, que, diga-se de passagem, são na sua maioria analfabetos, nunca reclamaram outra coisa que não fosse o irem à missa e sustentarem os padres com as suas dadas. E até hoje essa liberdade nunca foi coartada e os padres conseguem viver, sem que ninguém lhes crie dificuldades, à custa da superstição e da prodigalidade dos fiéis.

Sobre a capacidade jurídica da Igreja havia na Câmara dos Deputados, ultimamente dissolvida, dois projectos de lei, um do serafico Lino Neto e outro do defensor enragado da monarquia e dos senhores Carvalhos da Silva. O projecto do sr. Lino Neto é do seguinte teor:

«É livre a organização dos cultos pelos bispos e pelos párocos sob a sua autoridade de podendo admitir como auxiliares irmãs e outras corporações conforme o direito canónico. É reconhecida, nos termos prescritos da Constituição da República, para o exercício do direito de associação, a liberdade de associações religiosas para instituições destinadas a obras de caridade, assistência hospitalar, educação infantil e acções missionárias ultramarinas. O gover-

no dará todas as facilidades e isenções às missões católicas. O registo civil, que continuará sendo obrigatório, não o terá de preceder a baptismo religioso dos católicos e a certidão de casamento destes servirá para o subsequente registo civil. Serão restituídos aos párocos os cartórios de que tenham sido privados desde 1 de Julho de 1911. É facultada a inscrição nos orçamentos do Estado e dos corpos administrativos de dotações para serviços de capelaria, destinadas a assegurar o livre exercício do culto em internato do Estado ou das ditas corporações, tais como colégios, asilos, hospitais, prisões e hospitais. São consideradas abolidas todas as penas de expulsão do território nacional cominadas por motivo religioso ou político.

Estes projectos de lei existem no parlamento desde 1922, sem que durante quatro anos algum tivesse conseguido realizar um movimento de opinião que levasse os deputados a discutir os, o que prova, à evidência, a sua impopularidade.

Transcrevemo-los sem comentários e agora perguntamos: haverá alguém, fora das hostes do Lino Neto, que possa aplaudir as extranhas regalias que neles se concedem à Igreja, regalias que a tornavam onipotente e soberana a ponto de nós, daqui em diante, só de armas na mão poderíamos assegurar a nossa liberdade de consciência?

«Aos prelados e párocos, constituídos segundo a disciplina eclesiástica, são atribuídos todos os bens móveis e imóveis, tais como alfaias, paramentos, igrejas, capelas, seminários, presbitérios ou passais, que estavam na posse da Igreja à data de 8 de Outubro de 1910 e ainda não confiscados pelo Estado, para que os conservem e administrem como próprios no interesse do culto e de outras fins sociais.

Quanto aos bens que se encontravam na posse da Igreja àquela data e dos quais o Estado se encontra de posse, ser-lhes-ão também atribuídos, nas mesmas condições, desde já os que estiverem em aplicação e logo que sejam desocupados os que actualmente a tiverem, devendo [no regulamento que o governo fica autorizado a fazer, para a execução deste parágrafo indicar-se a forma e o prazo para essa desocupação a realizar.

«Aos prelados e párocos será permitido de futuro adquirir edifícios destinados a servir de paços, seminários ou presbitérios, ou ainda quaisquer bens cujo rendimento tenha por fim a preparação ou sustentação do clero, considerando-se os adquirentes meros usufrutuários para todos os efeitos legais, uma vez que dos respectivos títulos consta o destino dos bens e considerando-se a propriedade dos mesmos bens ou edifícios pertença da diocese ou freguesia.

O do ex-deputado Carvalhos da Silva é ainda mais audaz e afrontoso como pode ver-se através desta transcrição:

nistro não aceitou dizendo que só autorizaria a criação do monopólio em condições bastante desfavoráveis para a C. U. F., e que, segundo afirmou uma pessoa bastante autorizada, eram as seguintes:

Garantir o salário a todo o pessoal existente na indústria soboeira e cada um dos indivíduos só poderem ser admitidos ao serviço na categoria em que estivessem à data da autorização do monopólio e ainda um ordenado aos industriais mediante o rendimento das suas fábricas.

Estas cláusulas não serviram ao sr. Alfredo da Silva porque ele sabia e compreendia que as fábricas da Companhia não tinham capacidade para que fosse posto ao seu serviço todo o pessoal que trabalha nas pequenas fábricas que nesse tempo funcionavam no país. E como o sr. director desde muito novo se tem na conta de não ser «trouxas» sabe Denis o que lhe custou a reformar o burro, quanto mais ainda ter de pagar a todo o pessoal que por obrigação tinha de admitir!

Posta de parte esta sua iniciativa por não concordar com a proposta mencionada, conservou-se em silêncio até que se ouviu falar que quem viria substituir o sr. Hintze Ribeiro, seria o sr. João Franco. Logo o sr. Silva se pôs em campo, praticando o seu patriotismo, e magico uma manifestação ao sr. Franco, no momento em que este cavalheiro ia seguir para o Porto; creio que no intuito de mostrar-se aos seus adeptos.

Apareceu na gare da estação do Rossio com todo o pessoal, dando fortes vivas ao sr. João Franco, a fim de ver se conseguia deste político aquilo que não obteve do outro, parecendo que o resultado foi o mesmo. Sem fazer apologia do regime deposto, parece-me que os homens da monarquia se mostravam mais coerentes ou pelo menos habilidosos, visto que não transigiam com facilidade nos negócios escuros em que os queriam envolver. Porém, nesta república deletéria, de mais fiscalização, como dizem os homens públicos facilmente se manejavam pelas «coteries» financeiras e assim se explica que o sr. Alfredo da Silva, quando senador no período de 1911-1916, tendo a dificuldade que havia em transportar para a metrópole as oleaginosas, manifestando-se nesta ocasião grande falta de óleo de palma, na capital, devendo já se ver — ao estado de guerra, mas havendo grande porção na Alfindega de Lisboa, destes produtos, importados por diversos industriais de saboarias, nessa altura de que se havia de lembrar o sr. Silva da União Fabril? Arranjou uma portaria no sentido de que os ditos fabricantes não pudessem despachar o respectivo óleo, da alfindega, até segunda ordem.

Passados dias, então, por iniciativa do senhor senador e director da Companhia União Fabril, o óleo seria submetido a ração de forma que cada um levantasse, não o que tinha importado, mas segundo o consumo diário da mesma indústria.

Escusado será dizer que sendo a C. U. F., a que maior estatística de consumo apresentava, foi ela que levou o óleo (que per-

Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

Confederação dos Trabalhadores Intelectuais

Na Tchecoslováquia, todas as associações de trabalhadores intelectuais do país — artistas de belas-arts, músicos, escritores, jornalistas, advogados, notários, arquitectos, engenheiros, funcionários do Estado e professores — organizaram a Confederação dos Trabalhadores Intelectuais para melhor fazerem triunfar as suas reivindicações.

Os intelectuais reclamam: um salário mínimo em relação ao custo da vida e ao valor profissional, a obrigatoriedade do contrato de trabalho, indemnização em caso de demissão ou de invalidez, direito a uma pensão de reforma e seguro social obrigatório, protecção à propriedade intelectual e participação nos lucros resultantes do trabalho intelectual.

Jornalismo francês

Em França, George Bourdon, secretário do Syndicat des Journalistes, publicou no *Figaro* um interessante estudo sobre as condições de vida dos profissionais do jornalismo em França. Bourdon preconiza o estatuto profissional com as seguintes bases: fixação do ordenado mínimo, indemnização quando despedido, licença anual, indemnização na doença e criação dum processo permanente de arbitragem.

Segundo Bourdon, a questão dos ordenados é a mais importante. Antes da guerra já os jornalistas se queixavam da insuficiência da paga. Do inquérito agora feito verifica-se que apenas aumentaram o dobro.

Recentemente o sindicato dos jornalistas franceses votou uma reclamação para ser elaborado o contrato colectivo, tendo aliado as suas reivindicações a uma protecção eficaz contra os intrusos de todas as classes no jornalismo.

Crise carbonífera

A crise carbonífera provocou nos últimos dez meses, nos países produtores de carvão, o aparecimento de muitos artigos, folhetos e livros sobre o assunto de interesse mundial, sendo alguns trabalhos dignos de registo e de colocar-se junto da memória e documentação recolhida pela comissão britânica.

Mack Eastman, chefe de investigação da Repartição Internacional do Trabalho, publica no último número das *Informações Sociais* um longo artigo dedicado na referida literatura concernente a esta importante questão, definindo a situação actual da crise, e expondo as opiniões emitidas e as soluções preconizadas.

A VOZ DA CADEIA

No Forte de Monsanto os soldados da G. N. R. dirigem baixos insultos às pessoas que visitam os presos

Camarada director:—Nesta Bastilha encontram-se entre centenas de presos inúmeros preventivos, pois não foram ainda submetidos a julgamento. A pesar da ilegalidade, visto que a cadeia de Monsanto se destina unicamente a indivíduos condenados, aqui os conservam indefinidamente. Como se sabe, a cadeia do Limoeiro é que se destina a presos preventivos.

O Forte de Monsanto, desde as primeiras horas da manhã ao fechar da noite, está entregue aos guardas da cadeia.

De noite, porém, fica entregue à brisa da Guarda Republicana cujo aquartelamento fica a pouca distancia.

As visitas aos presos só é concedida duas vezes por semana, às quintas feiras e aos domingos.

Há muito tempo que estas bestas quadradas se intrometem com as visitas, chegando ao desafio de lhes dirigirem as palavras mais insultuosas e acabando por maltratá-las.

É isto constatou-se ainda no último dia da visita.

Daqui prevenimos o comandante da força tenente sr. Parreira, para que chame a atenção dos seus subordinados e lhes diga que a ordem mantem-se sem insultos e palavras infames, como os soldados costumam dirigir às pessoas que visitam os presos desta cadeia.

Forte de Monsanto.—Joaquim da Silva, preso no sector C.

SOLIDARIEDADE

Comité Pró-Presos por Questões Sociais

Reúne-se hoje, pelas 21 horas, este Comité.

Foi entregue a José Simões por António Cabral a quantia de 81\$80, produto duma subscrição tirada nas obras do novo manicómio de Lisboa.

Foi entregue a José da Silva a quantia de 7\$85 por Luís Gonzaga, produto duma subscrição tirada nas obras do manicómio Bombarda.

Todos os que têm bilhetes em seu poder para a festa de auxílio a José da Silva que se efectua no dia 20 do corrente no Sindicato Unico Metalúrgico devem entregá-los até ao dia 15, considerando-se aceites os que até esse prazo não forem devolvidos.

A comissão da festa reúne hoje, impre-

Os operários noruegueses repelem com energia uma tentativa de redução dos salários

O operariado da Noruega empenha-se agora numa luta tenacíssima contra o patronato que, impotente para debelar a crise industrial que assola o país, pretende sacrificar os trabalhadores à defesa dos seus interesses. Os trabalhadores, porém, são já as maiores vítimas da crise industrial; têm legítimo direito a não se deixarem torturar ainda mais.

No final do último inverno, em toda a Noruega estavam sem trabalho mais de 50.000 operários, o que dava a situação um aspecto gravíssimo, pois era de 96.000 o número de operários sindicados.

A falta de trabalho assume as maiores proporções na indústria da construção civil. Numa das cidades norueguesas mais importantes, Trondheim, noventa por cento dos operários da construção civil estão sem trabalho. Em Bergen, estão cinquenta por cento. Na capital, Oslo, o número de operários sem trabalho, no ano que findou, atingiu a cifra global dos operários sem trabalho no país.

A origem do conflito

Na indústria norueguesa existe o regime de contratos colectivos, cuja duração finda sempre no outono ou na primavera de cada ano. Nas indústrias mineira, têxtil, metalúrgica, do calçado, da construção civil, do livro, os contratos colectivos caducam naturalmente na primavera.

Ao chegar o prazo para a revisão dos contratos, a organização patronal proclamou a sua recusa em prolongar os contratos sem a redução geral dos salários em uma proporção de 25 a 40 por cento. Esta quantia ia muito além da que se poderia justificar pela baixa do custo da vida, baixa que, sendo de 5 por cento, em nada beneficiou a população. Como se não bastasse, os patrões também exigiam a diminuição das licenças para férias de oito para quatro dias, agravando-se ainda outras condições de trabalho.

Os operários repudiaram as propostas patronais, criando-se logo uma situação ameaçadora de graves conflitos, uma greve ou um lock-out que interessaria cerca de 40.000 operários. O governo interveiu rapidamente na questão, afirmando o seu desejo de evitar conflitos. Fez, então, nomear uma comissão de arbitragem, que ficou composta pelo árbitro oficial efectivo Valentim Foss e dois juristas.

A comissão pediu insistentemente que operários e patrões renunciassem por algum tempo a qualquer acção que estivesse determinada para o dia 31 de Março do ano corrente, data em que findaram os contratos colectivos.

No dia 16 de Abril, a comissão de arbitragem apresentava o projecto de um acordo, consistindo nos seus traços gerais a diminuição de salários, a manutenção das licenças e de outras secundárias condições de trabalho.

Este projecto foi submetido ao referendado da Central patronal e dos sindicatos operários. A resposta foi pedida para o dia 23 de Abril.

Os operários resistem à ofensiva do patronato

Efectivamente, nesta data, a maioria dos sindicatos operários, por meio das suas assembleias gerais, tinha-se pronunciado categoricamente contra o texto do acordo. Por seu lado, a organização patronal, pelo voto dos seus filiados, declarou aceitar o acordo proposto.

Perante a atitude dos operários, que se defendiam do ataque formulado contra os seus interesses económicos, o patronato lançou-se no lock-out. Mais de 30.000 operários das indústrias de siderurgia, calçado, têxtil, construção civil, minas, mobiliário e vestuário, foram atingidos pela resolução patronal.

Alguns dias depois, três ou quatro mil operários vieram engrossar o efectivo em luta. E ao fim de muitas semanas de luta, ainda os operários noruegueses repelem com firmeza e denodo o pretendido grave das suas condições de existência.

Nem a ameaça de fome, nem a grande pressão feita pela falta de trabalho, nem extorções dos dirigentes timoratos, os desviaram do caminho verdadeiro.

A luta prosseguiu, à data de recentes notícias, mostrando-se os operários decididos a obter a completa satisfação das suas reclamações.

Uma prevenção aos gráficos

Da Associação de Classe dos Impressores Tipográficos recebemos a seguinte comunicação:

«Os proprietários da tipografia Sintra Gráfica Limitada vêm exercendo uma ignóbil exploração sobre os operários que têm ao seu serviço, pelo que merecem que narremos os seus feitos para elucidação dos que precisem ir trabalhar para as suas oficinas.

O horário de trabalho não lhes merece a mínima consideração, e como têm ao seu serviço operários que não sabem fazer valer os seus direitos nem têm a mínima noção dos seus deveres para com a classe a que pertencem, sucede, frequentemente, trabalharem até altas horas da madrugada sem que as horas sejam pagas com qualquer excesso.

Como, porém, ultimamente fôsse para ali trabalhar o impressor tipográfico Mário Gonçalves da Costa e não se prestasse a trazer a mais cara regalia dos trabalhadores, e ainda por ser assíduo leitor de *A Batalha*, os referidos industriais logo se apressaram a tirar minuciosos informes, suscitando no operário qualquer feroz legiãoário que lhes fosse tremolar o rebano dos seus soltos servos. Além disto ainda faltaram ao compromisso tomado de pagar as passagens ao referido operário.

Por este motivo, o Sindicato dos Impressores Tipográficos previne todos os componentes da classe que se precaviam quando tenham de ir trabalhar para a referida tipografia.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Um coronel velho e incompetente à frente dos serviços farmacêuticos de Angola

Junto ao Hospital Central de Loanda funciona uma repartição chamada Depósito Central de Medicamentos, que tem por chefe o coronel Artur Jaime de Sousa Matos, promovido, não sabemos a que pretexto, a chefe dos Serviços Farmacêuticos da Província de Angola.

Perguntamos: porque foi o coronel Matos promovido a chefe dos Serviços Farmacêuticos da Província de... Engorda?

Por competência?

Dar-nos-la vontade de rir se nos respondessem afirmativamente. A resposta sustentaria que o mais inexperiente ajudante de farmácia que haja no Quadro Auxiliar dos Serviços Farmacêuticos tem tanta competência como o velho coronel.

Mas havendo no quadro de tais serviços farmacêuticos competentes, possuídos da teoria e técnica modernas da Farmacopeia, porque se subordinam as competências à incompetência, com a agravante de um bacharel em farmácia ter de passar alguns anos em Angola para ser considerado farmacêutico de 1.ª classe?

Por antiguidade de ingresso no quadro ou por graduação militar?

As promoções são feitas por antiguidade e não por competência técnica ou teórica. Assim o dispõe a lei e o estatuto dos regulamentos. Deflagra à evidência o quanto regulamentos e leis são absurdas. Subordinadas as competências à falta de conhecimentos, eis a incompatibilidade criada pelas leis.

Os Serviços de Saúde regem-se pelas disposições do decreto 74, de 1921, vigário Norton-Damas. O que em Angola se passou com este decreto é de veras interessantes. Submetido à apreciação da pericia hermenêutica de tudo e todos, em face do procedimento adoptado por aqueles que tinham atribuições para decidir, o decreto era interpretado por formas diversas.

O Conselho das Finanças durante muito tempo considerou-o legal, depois ilegal, e enquanto uns lhe atribuíam um sentido, outros o interpretavam conforme a sua vontade.

Submetido o diploma à apreciação do titular da pasta das Colónias a fim-de se pronunciar sobre as disposições dele, por muito tempo foi, e parece-nos que ainda hoje é, objecto dum dilema.

O funcionário dos Serviços de Saúde não sabe se tem direitos adquiridos, situação estável ou se dum hora para outra será posto na rua ou obrigado a descer de categoria.

A engrossar o contingente das vítimas do «74» — tão célebre se tornou! — a Agência Geral de Angola abriu concursos para *retratamento de indivíduos*; vistas as condições vantajosas apareciam concorrentes, prestavam as provas práticas e teóricas e, se classificados, recebiam guias para se apresentar na Repartição Superior dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola.

Chegados lá, os burlados, pela teoria da antiguidade, o ajudante de farmácia quasi farmacêutico é de 2.ª ao lado daquele que, por desda há cinco anos lá estar fazendo o seu aprendizado, é considerado de 1.ª E entre os burlados há alguns que nunca foram nomeados para os lugares a que concorreram nem receberam os vencimentos a que tinham direito!

Um bacharel em farmácia fica subordinado a um chefe de Serviços Farmacêuticos que consulta um ajudante de farmácia sobre farmacotecnia!

E' coronel, mas nem para cabo... do lixo serve.

De milhares de contas de medicamentos que têm entrado no depósito, não há escrutinação nem contas. Não se fazem balanços.

E o que é interessante é isto: um coronel, dois capitães, um 1.º sargento, dois ajudantes de farmácia, mais um auxiliar, um dactilógrafo e serventes!

Correia de SOUSA

O desmoroamento da Penha de França

Um desleixo deplorável do comandante dos Bombeiros

Chamámos há dias a atenção dos bombeiros para o facto de terem desaparecido, além do servente das oficinas da C. P. Jaime Baptista, alguns mendigos no desmoroamento das pedreiras da quinta da Machada, à Penha de França.

Ontem, alguns jornais se referiram novamente a esse estranho desleixo, sem que até agora o comando do corpo municipal de Salvação Pública tenha tomado as providências que o caso requer.

E' um dever de humanidade que reclama a presença dos bombeiros, e é também um dever profissional para eles o saírem da inexplicável inação a que o seu comandante os condenou.

Então deixa-se ficar nos escombros da derrocada, como tudo o parece indicar, um ferroviário e alguns mendigos que não mais voltaram a ser vistos? Ou será porque as vítimas não pertencem a uma categoria social elevada que se deixa de proceder? Francamente, semelhante atitude tem qualquer coisa de horripilante e de macabro que nos abstenho, por hoje, de classificar.

Um «pic-nic»

Promovida pela direcção da «Sociedade Filarmónica Esperança e Harmonia», realizou-se no dia 20 do corrente, na Quinta de Nossa Senhora do Cabo, em Benfica, um grandioso «pic-nic», para o qual se encontrava aberta a inscrição na sede daquela sociedade.

Prevenção aos metalúrgicos

O Sindicato Unico das Classes Metalúrgicas, previne todos os metalúrgicos que não vão trabalhar para a Sociedade Industrial Alemtejo e Sado em Ferreira do Alemtejo, sem primeiro se informarem das condições do trabalho, neste Sindicato.

Vida Sindical

C. G. T.
Secção de Federações

Reuniu ontem a comissão encarregada de elaborar um parecer sobre a crise de trabalho. Encarada a questão sob diversos aspectos, verificou a comissão a impossibilidade de dar rapidamente cumprimento à sua missão, visto que cada indústria tem as suas características. No intuito de dar uniformidade às reclamações a apresentar no seu parecer, foi resolvido enviar uma circular a todas as Federações e sindicatos isolados, a fim-de enviarem para esta secção até ao próximo dia 20, uma súmula das reclamações que, dum forma geral, julgam poder debelar ou atenuar a crise de trabalho, sendo conveniente que os citados organismos respondam no prazo marcado a fim-de não protelarem os trabalhos da comissão.

Câmara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Reúne-se hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa.

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reuniu-se ontem a comissão administrativa que, entre outros assuntos, apreciou a conduta do cobrador da área de Alfama, tendo resolvido substituí-lo imediatamente. Apreciou também as faltas consecutivas às reuniões da comissão administrativa do secretário-archivista Fernando Botas, resolvendo demiti-lo, levando o assunto para a próxima assembleia geral. Recebeu um pacote de jornais do «El Obrero Metalúrgico», de Buenos-Aires, resolvendo oficial, agradecendo-lhe.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação da Construção Civil.—Não tendo sido possível, por motivo de força maior, efectuar-se antontem a reunião da Comissão Administrativa, é a mesma convocada para as 21 horas.

Pontos de Construção Naval.—A direcção, às 20 horas.

Federação Metalúrgica.—O Conselho Federal, às 21 horas, para assuntos urgentes e importantes.

Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina.—Pelas 21 horas juntamente com a comissão da vistoria.

Sindicato da Construção Civil.—Secção do Alto do Pina.—Para tratar dum assunto urgente, pelas 22 horas, a comissão organizadora da festa da secção.

DIAS PROXIMOS:

S. U. Metalúrgico.—Secção do Alto do Pina.—Reúne no próximo sábado, pelas 21 horas, a comissão reorganizadora juntamente com os cobradores. Foi resolvido que a primeira sessão de propaganda se realize na quarta-feira da semana próxima.

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Sindicato de Coimbra.—O vosso officio vai ser presente à próxima reunião; depois informaremos.

Sindicato de Faro.—Digam se receberam o expediente.

CONFERÊNCIAS

«Comentários à volta do movimento camilianista»

O aluno da Faculdade de Letras sr. Adolfo Faria de Castro effectua hoje, pelas 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, uma conferência subordinada ao tema «Comentários à volta do movimento camilianista». A entrada é franca.

Os presos de Monsanto condenados à morte pela desumanidade dum enfermeiro

Do operário José da Silva, cuja saúde se arruinou deploravelmente devido aos maus tratos que sofreu enquanto esteve detido sob as ordens da policia, recebemos uma carta fustigando o procedimento do enfermeiro Alegria—sinistra criatura que os nossos leitores conhecem de sobejo.

Passamos a reproduzi-la, na íntegra, sem lhe acrescentarmos comentários, por os acharmos dispensáveis.

Camarada redactor:—Já mais dumavez a *Batalha* se tem referido ao já célebre enfermeiro Alegria, bastante conhecido pela sua incompetência e pela sua falta de atenção por aqueles que, dentro deste forte, têm a infelicidade de adoecer.

E' costume, quando qualquer preso se sente doente, enviar ao célebre enfermeiro um bilhete para ser chamado à enfermaria, mas raro é aquele que é atendido. Ultimamente, tendo sentido fortes dores no peito e nos pulmões, enviei ao enfermeiro cinco bilhetes e uma carta para que me mandasse chamar, a fim-de, certificando-se da minha doença, me receitar o que julgasse conveniente. Pois, camarada redactor, até à data ainda não tive a felicidade de ser chamado por aquele senhor, continuando os meus padecimentos a agravarem-se de dia a dia. E o que é pior ainda, quando o médico aqui aparece, o que é raríssimo, o aludido enfermeiro só chama à consulta os doentes que muito bem lhe parece. Os que têm a desdita de lhe cair no desagrado, só podem contar com o abandono e, por último, a morte, visto que o sr. director das cadeias civis de Lisboa, a quem já alguns presos se têm queixado, não providencia, sancionando por este modo a desumanidade do enfermeiro Alegria.

Apelo, pois, para o sr. ministro da Justiça que, certamente, providenciaria não deixando que os presos aqui morram com cãs, por mero capricho dum pseudo enfermeiro, que antes devia exercer as funções de carrasco.

De v., etc.—José da Silva.